

APRESENTAÇÃO

Dr. JORGE MIRANDA DE ALMEIDA
Editor chefe. Universidade Estadual do Sudoeste do Bahia (UESB)
mirandajma@gmail.com

A Revista *Filosofando: Revista eletrônica de Filosofia da UESB* pretende ser um espaço de discussão, diálogo, provocação, reflexão crítica e sistemática do pensamento filosófico e suas respectivas temáticas e interlocuções, com áreas afins como a Literatura, a Poesia, o Cinema, a História, a Geografia, o Direito, a Comunicação, etc. O objetivo principal da Revista *Filosofando* é possibilitar aos discentes do Curso de Licenciatura de Filosofia da UESB, das outras licenciaturas da UESB e de todas as Instituições do País, um espaço de publicação de suas reflexões e investigações, de seus resultados de pesquisa de iniciação científica e de seus estudos realizados durante os semestres, pois entendemos que só com a exposição à crítica é possível rever posturas, lacunas, sinalizações, para que, cada vez mais, os discentes possam romper as barreiras de um pensar dependente e domesticado, infelizmente, tão presente em nossas Academias de Saber. Ao publicar artigos, numa perspectiva crítica, de acordo com a responsabilidade intelectual e social dos respectivos autores, a Revista *Filosofando* colabora com o processo de informação, produção e socialização de conhecimento, com a transformação sociocultural e com a manutenção de intercâmbio com universidades brasileiras e do exterior, que se propuserem a valorizar a publicação de textos e reflexões de estudantes de graduação.

A Revista *Filosofando* foi aprovada nas instâncias de Área de Filosofia e no Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da UESB, com o objetivo de somar esforços no sentido de formar e complementar qualitativamente a construção de uma Licenciatura com caráter inovador, valorizando, desde a graduação, a sistematização das reflexões e posterior

socialização em forma de artigos científicos, em sintonia com as exigências e oportunidades que uma Revista eletrônica possibilita.

Estabelecer um diálogo fecundo entre a filosofia e a não-filosofia é fortalecer a argumentação filosófica, na sustentação de um discurso rigoroso, metódico, profundo, capaz de desconstruir as argumentações falaciosas e os enganosos sedutores das ideologias subjacentes a interesses e perspectivas particulares e doutrinadoras. Só quem pode edificar-se a si mesmo no tremor, e no temor da rigidez necessária ao exercício filosófico, é capaz de superar o estratificado e assimilado para produzir novos edifícios e novos píncaros. Reproduzir sistemas, reproduzir autores, reproduzir teorias não é a mesma coisa que se debruçar insistentemente sobre as teorias, os autores e os sistemas, dominá-los na medida do possível e desconstruí-los. Sem efetivar a desconstrução não é possível a autonomia do pensar filosófico, mas a dependência e a manutenção deste, portanto, a negação do próprio ato de filosofar.

Dois pensadores corroborariam a tese apresentada acima de que é preciso desconstruir a filosofia para que ela possa, cada vez mais, servir de bússola aos homens de carne e osso e tutano nas veias e não ao homem do conceito puro, tantas vezes evocado nas disciplinas de filosofia, mesmo que à custa da negação do homem real e efetivo. Paul Ricoeur, em *A Região dos filósofos*, desafia a filosofia a permanecer envolta em si mesma, pois “se cortarmos o laço vital entre filosofia e não-filosofia, a filosofia corre o risco de não ser mais que um jogo de palavras e, no limite, um puro niilismo linguístico” (RICOUER, 1996, p.44). Nietzsche convida o filósofo a utilizar a diversidade de perspectivas e interpretações afetivas, para construir um conhecimento que tenha validade para a vida, pois até hoje “nas experiências presentes, receio estarmos sempre ausentes” (NIETZSCHE, 1998, p. 7), por isso a sua advertência serve como um dos alicerces da Revista *Filosofando*,

De agora em diante, senhores filósofos, guardemo-nos bem contra a antiga, perigosa fábula conceitual que estabelece um “puro sujeito do conhecimento”, isento de vontade, alheio à dor e ao tempo, guardemo-nos dos tentáculos de conceitos contraditórios como “razão pura”, “espiritualidade absoluta”, “conhecimento em si” – tudo isso pede que se imagine um olho que não pode absolutamente ser imaginado, um olho voltado para nenhuma direção, no qual as forças ativas e interpretativas, as que fazem com que ver seja ver-algo, devem estar imobilizadas, ausentes, exige-se do olho, portanto, algo absurdo e sem sentido. Existe *apenas* uma visão perspectiva, apenas um “conhecer” perspectivo, e *quanto mais afetos* permitirmos sobre uma coisa, *quanto mais* olhos, diferentes olhos, soubermos utilizar para essa coisa, tanto mais “completo” será nosso conceito dela, nossa “objetividade”. Mas eliminar a vontade inteiramente, suspender os afetos sem exceção, supondo que o conseguíssemos: como? – não seria *castrar* o intelecto? (NIETZSCHE, 1998, p. 109 – todos os grifos do autor).

A perigosa fábula conceitual está mais presente em nossos dias do que no período histórico e no contexto filosófico vivido por Nietzsche. As faculdades de filosofia ainda permanecem reféns de uma concepção científica-positivista do pensar, que se perpetua em regiões dos conceitos puros, do espírito absoluto, da natureza e da história, como partes constitutivas do espírito absoluto, através da mediação que culmina no sistema, sem, contudo, atribuir nenhuma realidade efetiva às questões existenciais, materiais, econômicas, sociais, afetivas e simbólicas presentes nos seres humanos e na terra. Dessa forma, os conflitos entre conceito e realidade, ideia e existência, matéria e conceito, movimento e lógica, síntese e paradoxo, transcendência e imanência, lógica e natureza, não são levados a sério com o rigor e a urgência necessárias, de forma a confrontar e se, for necessário, superar as dicotomias e dualismos presentes nesses conflitos.

Para resolver a questão das dicotomias, dos dualismos e de outros “ismos” tão comuns à filosofia como é concebida em tempos atuais, evocamos Bachelard, que introduz a fome como questão filosófica. Diante da fome, como conceber a pureza do conceito e a objetividade do conhecimento? A fome não é, talvez, a negação da própria teleologia filosófica? Hilton Japiassu, na obra *Um desafio à filosofia: pensar-se nos*

dias de hoje, toma para si, – e na Revista *Filosofando*, durante a atual coordenação - nós com ele – a *prece* de Bachelard: “*Fome* nossa, de cada diz, nos dai hoje! Num momento em que somos dominados por um economicismo e por um naturalismo arrogantes, precisamos nos despertar do sono dogmático de todos os conformismos e ter a coragem de reativar as utopias” Bachelard (*apud* JAPIASSU, 1997, p. 97 – itálico do autor).

E nesse contexto de Bahia, de planalto e de sertão, como não dialogar com Riobaldo, o filósofo mais brasileiro de todos os pensadores brasileiros? Ele tem autoridade para nos provocar, para provocar o pensamento que pede para ser elaborado, quando diz: “uma coisa é pôr ideias arranjadas, outra é lidar com país de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias... Tanta gente – dá susto se saber – e nenhum se sossega” (GUIMARÃES ROSA, 1985, p. 16). E numa sentença que deixaria muitos idealistas de cabelo em pé, professa: “a gente vive repetido, o repetido, e, escorregável, num minuto, já está empurrado noutra galho. [...] um está sempre no escuro, só no último derradeiro é que clareiam a sala. Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (GUIMARÃES ROSA, 1985, p. 60).

Travessia, percurso, movimento. Desconstruir para edificar. Desconstruir a partir de uma sólida formação, de leituras e estudos atentos, de aulas bem elaboradas e de mestres que sabem o quanto o saber é perigoso e sedutor e, por isso, colocam-se na condição de discípulo, para demonstrar com o próprio exemplo que o saber, numa perspectiva ética, tem implicações sócio-pedagógico-política, e que não é possível permanecer pretensamente isento das contradições reais da existência. Riobaldo é uma referência do pensar brasileiro e latino-americano. Novamente, fora das academias e dentro da existência, ele elabora uma forma própria de pensar a si mesmo, pensando nas relações; por isso, numa perspectiva muito próxima a do filósofo Heráclito de Éfeso, ele afirma:

Consegui o pensar direito: penso como um rio tanto anda: que árvores das beiradas mal nem vejo... quem me entende? O que eu queria. Os fatos passados obedecem à gente; os em vir, também. Só o poder do presente é que é furiável? Não. Esse obedece igual – e é o que é. – Então, onde é que está a verdadeira lâmpada de Deus, a lisa e real verdade? (GUIMARÃES ROSA, 1985, p. 321).

A Revista *Filosofando* pretende oferecer ao leitor uma possibilidade para que, na leitura dos artigos dos discentes, ele se permita percorrer a terceira margem do rio. O texto, a reflexão, a lacuna e as imprecisões são e serão constantes, porque entendemos o discente como ser em constante formação, mas que precisa, como foi dito no início desta apresentação, de um espaço para expor suas ideias. Espaço este em que a crítica do leitor será a condição necessária à aquisição da maturidade do mestre e do aprendiz, haja vista que o mestre é apenas a ocasião para o aprendiz e este, a ocasião para que o mestre possa construir a si mesmo, assim como propõe Kierkegaard, em *Migalhas Filosóficas* (1995). Espaço em que o discente poderá discordar do mestre e deverá desconstruí-lo na perspectiva do ensinamento de Bernardo de Chartres: “somos anões empoleirados nos ombros de gigantes. Assim, vemos melhor e mais longe do que eles, não porque nossa vista seja mais aguda ou nossa estatura mais alta, mas porque eles nos elevam até o nível de toda a sua gigantesca altura” (*apud* ALMEIDA, 1992, p.1).

Ainda, esperamos contribuir para concretizar a profecia de Ardilles:

[...] próximo se encontra o momento em que a história se fará transparente a si mesma, mostrando seu verdadeiro agente produtor. Aí também, nosso filosofar terá perdido seu caráter episódico e distante da vida de seu povo; terá chegado, então, a hora de sua mais fecunda criatividade. Deixaremos de ser objetos passivos de uma história alienada, para convertermo-nos em seus atores (*apud* ALMEIDA, 2009, p. 34).

No número especial de lançamento da Revista *Filosofando: Revista eletrônica de Filosofia da UESB*, Adenaide Amorin Lima reflete sobre a *construção da moralidade através do discurso sobre o corpo*, dialogando

com Ullmann e Foucault sobre os princípios morais que regiam a conduta e a compreensão da e sobre a sexualidade na antiguidade e quais os novos princípios morais sobre a sexualidade, a partir do deslocamento que houve em sua concepção com o advento do cristianismo. A autora aborda, com propriedade, a distinção entre a concepção antiga, em que o cuidado de si e a expressão da sexualidade constituíam os princípios da sexualidade, para as normas disciplinares e controladoras.

Ora, a disciplina e a ordem passam a constituir os valores morais vigentes, e a sexualidade deixa de ser uma expressão de uma vontade, um desejo para ser concebido a partir de uma concepção científica, que regula e legitima a conduta sexual do indivíduo. Nessa perspectiva, a proposta de Adenaide contribui para atualizar o debate sobre a sexualidade e as práticas de saberes que norteiam as condutas sexuais, pois, como afirma em sua reflexão, “esse saber é imposto a todos os indivíduos como verdades sobre a sua sexualidade, bem como a sua forma de expressá-la” e, ainda nesse circuito, a moral e a virtude acabam tendo por finalidade, segundo a autora, padronizar comportamentos e condutas.

Vagner Souza Santos brinda o leitor com outra provocação sobre a conduta formativa, mas escolhe como interlocutor Sófocles e *A dimensão formativa da tragédia grega: Sófocles*. O objetivo do autor é discutir o assunto, a partir da referência a Werner Jaeger sobre o que seria a autêntica humanidade, por meio do diálogo com a peça *Antígona*. Nessa peça, Sófocles problematiza a condição humana em toda a sua gama de afetividade, liberdade, consciência, lei, ordem, amizade, etc. O foco é o humano. Mas, esse humano é trágico pela própria condição de existir. A existência desconectada do trágico se torna história, literatura, mas não existência, pelo simples fato de ter que lidar com a própria finitude, com as angústias e as inseguranças inerentes ao ato de existir.

Se o existir é trágico, a melhor maneira de evitar uma tragédia é instruir o povo e o próprio indivíduo. Portanto, o estudo da tragédia, segundo o autor, tem uma vocação pedagógica, porque contribui com o

processo formativo do homem. Vagner assegura a sua ponderação em Lúzia Helena Nagel, para quem o poder de formação dos homens está no pensamento, sob todas as formas possíveis como a sabedoria, a eloquência, a persuasão, etc. Embora o autor não discuta e problematize diretamente a partir do texto de Sófocles, *Antígona*, fazendo apenas duas inserções da obra quase ao final do ensaio, possivelmente, por uma escolha metódica, ao estilo kierkegaardiano de seduzir, para que o leitor se sinta atraído e ele mesmo realize a leitura em primeira mão, é uma leitura que seguramente permitirá bons momentos de reflexão sobre o sentido trágico da existência humana, mas no sentido da catarse e não da fatalidade niilista.

O artigo *Ensaio sobre a universidade e sua função social*, de Alexandre Garcia Araújo, discute o processo formativo da universidade brasileira, a partir da crise real em que ela vivencia, e os desafios postos à tríade do ensino, pesquisa e extensão, conforme o artigo 207 da Constituição Federal de 1988. O artigo é crítico em relação à dicotomia do que se posterga nos documentos e a realidade vivenciada pelas universidades, afirmando, por exemplo, que essa tríade depende muito mais de iniciativas isoladas de professores ou dos departamentos do que propriamente de uma política pública efetiva das universidades.

Alexandre questiona, com propriedade, se o conhecimento produzido na universidade possibilita a transformação da sociedade ou se ela está fechada sobre si mesma, ou, diria para aumentar a polêmica, se ela não está presa ao capital econômico que financia pesquisas e permite a formação de mão de obra qualificada. Mas, seria essa a vocação da Universidade? Como as Humanidades são tratadas no cenário atual pelas universidades brasileiras? Seria porque a universidade brasileira é anacrônica? Seria porque ela se mantém fiel ao modelo europeu *humboldtiano*? Se é preciso e urgente pensar um modelo universitário brasileiro, a partir de uma maior inserção da comunidade e das urgências das comunidades na universidade, bem como da real e efetiva democratização da universidade, só o tempo e a construção da consciência permitirá um desatrelamento da universidade e

do poder econômico vigente. O que é coerente nas provocações de Alexandre Garcia Araújo é a provocação do lugar em que ele se encontra, da preocupação não apenas com a sua formação e especialidade profissional, mas com a decência, com o decoro, com a ética, no sentido empregado por Paulo Freire, da tarefa e da razão de ser da Universidade pública no Brasil.

Paulo Victor Silva Santos, no artigo *Ética no primeiro Wittgenstein a partir do seu tractatus*, retoma a discussão proposta na obra sobre os problemas filosóficos como decorrentes da má compreensão da lógica da linguagem. Ora, se o mundo é tudo o que é o caso, a primeira condição do filósofo e da própria filosofia é pensar no que acontece dentro do mundo e que estão ao alcance da razão humana. Tecer teorias sobre lógica, ética, Deus, é dizer a partir de ilogismos. Há precisão do autor em separar o que é possível dizer e o que é da ordem do mostrar como a ética e o místico, como exemplos adotados no presente ensaio.

É no âmbito do dizível e do indizível que reside a batalha entre Wittgenstein e os neopositivistas, e que Paulo Victor retoma no artigo com propriedade, pois a ética não é um meio para se chegar ao silêncio ético, mas um exercício para assimilação dos limites como um fim em si. A questão que está subjacente no *Tractatus* e que pode ser problematizada é por que se tem tanto medo, tanta resistência ao estudo da ética? A obra não é apresentada como um manual, mas como um livro que deve ser experienciado por aquele (a) que é capaz de pensar por si próprio. Também se apresenta com uma condição da impossibilidade da fundamentação racional da ética, porque ela, sempre segundo interpretação de Paulo Victor sobre o *Tractatus*, está no âmbito do indizível, e enquanto a ética é desprovida de sentido, não se permite uma apropriação de um valor, o que no interior do projeto da obra é pertinente. Mas, se a ética não tem sentido, qual sua validade? Qual o vínculo entre linguagem e ética? Entre ética e mundo? Somente uma resposta em primeira pessoa poderá situar a resposta e situar-se no interior da própria resposta.

O artigo *Wittgenstein e a transcendência da linguagem: o campo místico do Tractatus logico-philosophicus*, de autoria de Marcelo Meira Alves e Vinícius Malta Vieira, desenvolve uma pertinente discussão em torno dos limites da linguagem e da própria filosofia, pois segundo os autores, quando esses limites são ultrapassados, ocorre, então, a condição e a ocasião para o *mostrar* do místico. A tese dos autores encontra guarida na proposição do TLP 6.522 que expressa: “há por certo o inefável. Isso se mostra, é o místico”. Wittgenstein estrutura a obra, que tem como pano de fundo a análise da linguagem como tentativa de explicar o mundo, e se utiliza da linguagem para demonstrar as abordagens da lógica e do conhecimento, mas não tecendo teorias e sim, como os autores expressam a partir da proposição TLP 6.13, através de uma imagem especular do mundo. Ironia à parte, a imagem não é banida do cenário filosófico porque está atrelada ao senso comum? Como se justifica a imagem especular para descrever o mundo, as coisas do mundo? Por que a imagem e não o conceito? Por que a imagem e não a teoria e, em última instância, o sistema?

9

Os autores dialogam com Wittgenstein como gente grande. Analisam a obra que se propõem a partir do interior da obra, dialogando com estudiosos como Oliveira, Cardoso, Spicca, Margutti, Pinto, entre outros. O ponto alto do trabalho reside na discussão em torno das questões existenciais, que não poderão ser explicadas cientificamente, já que o sentido reside no campo do místico, pois, conforme estabelece no interior da análise, “depois de ter encontrado o sentido da vida, esse sentido é impossível de ser transmitido por meio de linguagem para o mundo dos fatos, mas através da ética, que é transcendental e se faz presente no místico, este sentido será esclarecido e seremos orientados a agir corretamente.”

Por fim, o artigo que encerra esse número especial da Revista *Filosofando* é de Jandir Silva dos Santos, intitulado *A hermenêutica da facticidade no pensamento heideggeriano*, e demonstra que, mesmo a hermenêutica não sendo o ponto fundamental do pensamento de Heidegger, ela está latente em sua produção. A leitura do artigo possibilitará ao leitor

chegar às suas próprias conclusões. O foco da análise é a obra *Ontologia*, recentemente traduzida para língua portuguesa. Ora, como interpretar a vida, a existência, uma vez que todo conhecimento humano é uma metáfora? É necessário um pensamento niilista para a construção do conhecimento? É no interior dessas questões que o empreendimento é travado, com a ajuda de Nietzsche e Heidegger, presentes no item 2 do artigo intitulado *O ponto de partida nietzschiano da hermenêutica heideggeriana*.

A consequência desse ponto de partida é a insuficiência da metafísica clássica. Heidegger, segundo Jandir, afirma o seu descontentamento com a ontologia tradicional que se encerra numa apreensão do ser e não de suas possibilidades no transcorrer do temporal. O que se propõe como relevante na obra do pensador alemão, e que se constata na análise presente, é a força que o caráter fático tem na nova compreensão do ente. Por facticidade, se entende, consoante à obra *Ontologia*: “a designação para o caráter ontológico de nosso ser-aí-próprio [...] esse ser-aí em cada ocasião”. Por isso, é preciso, ampliar a compreensão do ser na dinâmica do encobrir-se e velar-se, como condição de dialogar com o ser em seu próprio acontecer e não mais como uma estrutura fixa, objetual, que pode ser apreendida e esgotada.

Os artigos demonstram por si só que é possível pensar o pensamento de forma séria e competente. Todos os artigos são de estudantes de graduação. O rigor da análise é proporcional ao alcance e limites inerentes ao próprio processo de formação. Querer analisar o trabalho com a lente de um especialista em Heidegger, Wittgenstein, Platão, Nietzsche, Foucault é um ato de prepotência que desconfigura e desautoriza a condição de mestre. As inconsistências apresentadas nos artigos são fermentos para uma produção mais efetiva, mais rica, mais original, com a contribuição do leitor, do pesquisador e do especialista. Os textos são provocações. São também as condições que permitem a *ocasião*, tal como o filósofo dinamarquês desenvolve com maestria em *Migalhas Filosóficas* e que Heidegger retoma para configurar a facticidade do existente no interior da existência.

A tradução da conferência de Paul Ricouer intitulada *A investigação filosófica pode acabar?* realizada por Jasson da Silva Martins e Roberto Roque Lauxen privilegia e presenteia o leitor desse número especial. A conferência discute a questão da filosofia, da atualidade da filosofia, do possível fim da filosofia. A filosofia pode acabar? Questão dolorosa para quem frequenta e convive com as questões filosóficas. Mas se é impossível acabar com a filosofia em virtude do seu próprio empreendimento como afirma Ricouer, por outro lado, o acabamento e não fim da filosofia encontram-se na própria instauração desse ato filosófico.

A história da filosofia, continua Ricouer, “é demarcada pelas irrupções de questões tais como: o que é o ser? Por que existe alguma coisa e não antes o nada? Como os juízos sintéticos *a priori* são possíveis? Uma filosofia é determinada pela estrutura de uma questão. O primeiro passo da racionalidade da filosofia é a elaboração na forma desta questão, como envolvendo uma ordem de investigação. Assim a filosofia possui uma linguagem, sua linguagem (ser, aparecer, substância, essência, existência, sujeito, objeto, historicidade, mundo), promovida pela questão filosófica que a conduz. A questão envolve coerência no desenvolvimento e sistematicidade no discurso filosófico. *A filosofia é, certamente, um trabalho sistemático, embora ela não possa ser um sistema*”.

Que esse primeiro número seja a ocasião para que tenhamos cada vez mais um espaço de diálogo e de testemunhos filosóficos no Curso de Licenciatura da UESB, aberto a todos os discentes de todas as Instituições de Ensino Superior do País e de outras partes do mundo. Que essa Revista seja, tão somente, a ocasião.

Boa leitura!